

OS JOVENS DO SÉCULO XXI E OS HÁBITOS DE LEITURA *

Carlos Roberto Wensing Ferreira-Fundação Universidade Federal de Rondônia

RESUMO: Este artigo¹ pretende abordar a leitura e os desafios enfrentados pela escola diante de uma sociedade altamente tecnológica. Muito se fala do poder da leitura na vida de uma pessoa e quão necessária ela é nos dias atuais, pois é a base da construção, da estruturação e organização e acumulação do conhecimento da humanidade moderna e, neste aspecto, a escola possui uma função social de suma importância para estimular o gosto pela leitura. Hoje em pleno século XXI, a maior preocupação de uma sociedade é com a formação de seus cidadãos.

PALAVRAS CHAVE: Leitura - Escola - Tecnologia

INTRODUÇÃO:

Mesmo com todos os avanços das políticas públicas nos últimos anos voltadas para a educação para a erradicação do analfabetismo no Brasil, ainda assim enfrentamos dificuldades, pois à medida que avançamos neste quesito nos deparamos com os problemas oriundos desse processo. Pois à medida que mais pessoas passam a ter domínio da leitura, torna – se possível fazer um diagnóstico do seu desenvolvimento enquanto leitor. Diante disso, passamos também a nos preocupar com a qualidade da leitura desses indivíduos. No que diz a respeito, Campos (1994) afirma que:

Do ato de ler, pode-se afirmar que se trata de uma operação complexa que envolve processos de codificação e decodificação, numa alternância de papéis entre emissor e receptor. Ler não é, portanto, simplesmente ajuntar letras que formam sílabas que por sua vez formam palavras que constituem frases arranjadas em períodos, parágrafos, etc. (CAMPOS, 1994, p.8)

Quanto mais ele aprende mais queremos que ele saiba, e sendo assim, a sociedade passa a exigir que este aluno domine as estruturas da leitura de textos literários ou não literários, ainda conforme Campos (1994). “Dessa forma, percebe-se que a sociedade é um grande texto a ser lido, decodificado e, por que não, reescrito” (CAMPOS, 1994, p.9). Os princípios teóricos que embasam este artigo estão pautados em estudiosos que vêm discutindo e apontando soluções e caminhos para o ensino da leitura, tendo como suporte as Políticas Públicas de Educação que são elaborados com o intuito de dar suporte e orientar as práticas pedagógicas dos docentes.

1. LEITURA

A temática leitura, é um assunto que sempre está em discussão, com diferentes respostas de concordâncias e discordâncias a respeito do hábito de leitura do brasileiro, se lê bem e que tipo de leitura é essa? Se lê mal e que leitura é essa? De quem é essa responsabilidade? Existe realmente um responsável? Será que a escola não consegue ir além do tão já questionado sistema de ensino que pouco surte efeito? Serão os professores que não sabem como abordar a leitura? Ou será que esses

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016- <http://evidosol.textolivre.org>

¹ As tecnologias midiáticas estão cada vez mais presentes na sociedade moldando vida das pessoas e o seu comportamento.

professores não sabem porque não foram ensinados a trabalhar todo o contexto enquanto alunos na graduação? Se for o caso as Universidades e as Faculdades não estão conseguindo formar bons professores? Se não estão será que precisarão rever seus PPCs? Enfim, o que de fato faz com que surja este questionamento? Afinal qual é o propósito da leitura? Partindo dessas indagações, Soares (2005) defende a ideia que precisamos tomar um posicionamento a respeito das recentes denúncias, sobre os maus hábitos de leitura dos brasileiros, ela indaga que essa questão gera um longo debate e que atrai muitos teóricos com diferentes linhas de pensamento cada com as possíveis causas e também com possíveis soluções para o dilema da educação do brasileiro.

[...] não podem a escola nem os professores optar por desenvolver habilidades de leitura de apenas um determinado tipo ou gênero de texto: a escola deve formar o leitor da ampla variedade de textos que circulam nas sociedades grafocêntricas em que vivemos, e são diferentes processos de leitura e, portanto, diferentes modos de ensinar; é preciso desenvolver habilidades e atitudes de leitura de poemas, de prosa literária, de textos informativos, de textos jornalísticos, de manuais de instrução, de textos publicitários etc. etc. (SOARES, 2014, p. 31)

A questão do hábito de leitura, é um debate que nunca sai da moda; todos os dias lemos notícias de alguma avaliação sobre os hábitos de leitura de nossas crianças e jovens afirmando que leem pouco, que leem mal, que não sabem interpretar, que não conseguem decodificar os símbolos, ou seja, são pessoas alfabetizadas, porém não são pessoas letradas e que estas indagações já deixaram de ser pertinentes somente ao âmbito escolar, está refletindo também para fora da escola. É uma preocupação que deixou de ser única e exclusiva dos profissionais ligados à educação sendo uma preocupação de toda a sociedade, sendo veiculada com muita frequência na mídia, relatando o baixo desempenho dos alunos e o reflexo que isso trará a curto e a longo prazo para a nossa sociedade e, que que essa situação não pode mais ser ignorada e que simplesmente jogar a culpa em alguém não vai resolver a problemática em questão.

1.1 Diferentes tipos de leitura

Ao afirmar que os brasileiros são alfabetizados, mas não são letrados, a autora explicita que as pessoas apresentam dificuldades em realizar determinadas atividades tais como preencher um simples requerimento, contudo, devemos ter uma certa cautela para não julgar esses leitores sem antes conhecer o processo de alfabetização pelo qual eles passaram. Compreenda-se que alfabetização é um processo que se inicia nos primeiros anos da educação básica e se estende para muito além disso, pois não dominamos perfeitamente todos os processos que engloba a leitura e a escrita e constantemente estamos lendo e relendo e buscando orientações para aperfeiçoarmos – nos neste campo. Destarte, Dionísio (2014) nos diz que:

[...] usamos textos sempre para fazer coisas no mundo, para alcançar os nossos fins ou os fins de outros, seja no contexto da escola, do trabalho e do dia a dia. Mas quando nos envolvemos em práticas de leitura e escrita, envolvem relações sociais, que o contexto, a história e o poder lhes acrescentam significado e que os textos são, por isso, construtos históricos-sociais complexos. (DIONÍSIO, 2014, p.76)

O mais importante, é lembrar quais os objetivos que se pretende alcançar dentro de um modelo social organizado, pois como diz Walty (1994) ao afirmar que: “[...] os valores de uma sociedade se distinguem dos valores de outra, a concepção do real de um povo se distingue da de um outro, dependendo de suas relações sócio-político-econômicas. (WALTY, 1994, p.18).

Para maior esclarecimento, considero necessário fazer a distinção entre alfabetização e letramento: uma pessoa para ser considerada alfabetizada é aquela que consegue desenvolver diferentes métodos de aprendizagem fazendo uso dos sistemas de linguagem interagindo

por meio da comunicação, da expressão, enfim ser alfabetizado é ter a oportunidade de participar ativamente de todo o processo social configurando assim o pleno exercício da cidadania. Já uma pessoa para ser considerada letrada é aquela que é capaz de desenvolver as habilidades de leitura e escrita com facilidade e de fazer associações dos mais variados assuntos.

Todavia, Soares (2014), diz que, antes de apontar de fato essas ocorrências, devemos antes de tudo, analisar o contexto do que se está ensinando a essas crianças e jovens e, de que forma está sendo transmitido esse ensino, e o que queremos que essas crianças e jovens saibam. A autora questiona essa metodologia de análise porque para ela, esse mecanismo contempla apenas uma parte do processo de ensino e aprendizagem do aluno, pois ao se avaliar determinado quesito de leitura do aluno, o sistema não abrange toda a sua totalidade, pois existem várias formas de leitura: leitura de jornal sensacionalista, científico, de receitas médicas, receitas alimentares, textos de romances, de críticas, história, cartas, bilhetes etc.

Dionísio (2014), também aborda a temática da formação do leitor e da leitora, em uma perspectiva muito semelhante à Soares (2014), porém, com outro olhar. Ela defende a ideia que a formação do leitor e da leitora depende muito do que se ensina e com qual objetivo se ensina essa leitura e para que ela se destina e o que se pretende que esse leitor ou leitora faça na sociedade após assimilação desse conhecimento aprendido. Esses ensinamentos não são uniformes, porque são atrelados a uma série de fatores sociais: a demanda do momento, ou seja, ele se destina a atender a um determinado objetivo social, mercadológico, do que se quer ensinar, enfim, ele será moldado conforme as necessidades do momento e interesses e poderá também acima de tudo, dependendo da concepção dos profissionais que elaboram as políticas públicas destinadas à educação, tal como o Plano nacional de Educação, e o Projeto Político da Escola carregar suas expectativas, o que nem sempre será uma questão uniforme de entendimento do que se deve ou não ensinar às crianças e aos jovens.

Há quem diga e, de acordo com os sistemas de avaliação, o brasileiro em especial, as crianças e os jovens em idade escolar, não tem o hábito de praticar a leitura e, não a valorizam como instrumento de crescimento pessoal (intelectual) e/ou profissional para o exercício da cidadania. Outro argumento utilizado é que essas crianças e jovens não gostam de ler porque não tem o incentivo adequado, pois seus pais também não possuem o hábito de ler, e isso de certo modo inspira os jovens. Diante disso, Soares (2014) afirma que: “[...] é preciso esclarecer uma faceta fundamental do problema: quando se diz que o brasileiro lê pouco ou lê mal, o que se está entendendo por ler? Lê pouco o que? Lê mal o que? ” (SOARES, 2014, p. 30)

A autora diante destes levantamentos, tenta responder essas perguntas, nos dizendo que, ao afirmarmos que os alunos de hoje não leem bem, devemos ter em mente alguns critérios a serem considerados:

[...] não se lê um editorial de jornal da mesma maneira e com os mesmos objetivos com que se lê de Veríssimo no mesmo jornal; não se lê um poema de Drummond da mesma maneira e com os mesmos objetivos com que se lê a entrevista do político; não se lê um manual de instalação de um aparelho de som da mesma forma e com os mesmos objetivos com que se lê o último livro de Saramago. (SOARES, 2014, 31)

Como podemos observar na citação acima, precisamos compreender que cada tipo de leitura demanda um tipo específico de formação, contexto histórico e social e, tudo depende exclusivamente das Diretrizes Nacionais de Educação, da construção do Projeto Político Pedagógico da escola e das demandas de mercado e que tipo de aptidão desejamos que esses indivíduos precisam para desempenhar determinadas funções, seja no trabalho, no convívio social e, nesta lógica, Dionísio (2014) afirmar que:

[...] “Formar leitores”, designadamente na escola, é um objectivo cuja concretização varia – nos textos tidos como legítimos, nos factos linguísticos e textuais apresentados

como escolares sugeridas como mais adequadas – na escola em que varia o entendimento do que é literatura e, sobretudo, entendimento das suas funções, num dado contexto social; isso é, em grande medida, as formas que toma a escolarização da leitura variam em função do ideal de sujeito, que em cada momento histórico e social, se quer formar e, naturalmente, depende do projeto político – social para a escola, enquanto instituição que assume essa formação. É possível, pois identificar projetos político – sociais nos quais a formação de leitores significa ora a formação de indivíduos capazes de ler rápida, fluente e eficazmente, e de assim serem capazes de responder às demandas sociais e encaixarem-se nos nichos existentes do mercado de trabalho; ora indivíduos flexíveis [...] e que, também, lendo rápida, fluente e eficazmente, sabem adequar as suas práticas às diferentes situações... (DIONÍSIO, 2014, p.72)

Diante dos avanços sociais, tecnológicos, a sociedade, se depara com muitos mecanismos que possibilitam aos jovens de hoje, uma melhor compreensão do meio em que estão inseridos. A informática nos trouxe a internet como uma extraordinária ferramenta de trabalho, possibilitando o acesso não linear a diferentes fontes de informações instantaneamente e que na atualidade nela se convergem todas as mídias existentes e vice e versa: televisão, rádio, imprensa e informática, todas juntas em um único aparelho ao qual o usuário define qual quer utilizar podendo escolher utilizar mais de uma ao mesmo tempo. O termo Convergência Midiática é um conceito desenvolvido por Henry Jenkins no livro homônimo publicado em 2008 pela Editora Aleph e trata-se de uma tendência em que todos os meios de comunicação pelo advento da mídia informática tendo como sua principal ferramenta a internet, aderiram para poder se adaptar a ela, e a usam como suporte para a transmissão e distribuição de seus produtos de maneira global.

Inúmeras reportagens mostram crianças e jovens que não estão sabendo ler e interpretar e, por isso, não conseguem usar corretamente as mídias para checar a informações que lhe são úteis, sendo assim, Soares (2014) nos diz que: “não podem a escola nem os professores optar por desenvolver habilidades de leitura de apenas um determinado tipo ou gênero de texto. ” (SOARES, 2014, p.31).

Diante de tantas opções e concordando Soares (2014), levanto a seguinte questão: será possível que esses alunos não são capazes de saber o que é uma carta, e muito menos de escrevê-la nas mais diversas linguagens a que se destina uma carta, pois dependendo do remetente, a linguagem a ser utilizada difere uma da outra, mesmo sendo uma carta. Acredito que os alunos sejam capazes de escrever uma carta. Portanto, pode-se afirmar que ele sabe ler. Será que esses alunos não são capazes de escreverem uma lista de supermercado juntos com seus pais? Há de convir que ele pode não dominar perfeitamente a escrita formal, mas será capaz sim, de escrever uma lista de compras mesmo com erros ortográficos, então mesmo que ele cometa erros de ortografia, foi capaz de construir um modelo de texto e de ler e fazer uso desse instrumento. É importante lembrar que não se justifica o erro ortográfico, o que neste caso, pode ser por desatenção do escritor ou simplesmente porque não domina corretamente a escrita.

2. A LEITURA E AS MÍDIAS

Será que este leitor não é capaz de fazer uso dos smartphones!? São aparelhos tecnológicos de última geração que permitem a convergência de todas as mídias em um só aparelho (rádio, televisão, jornais digitalizados, jornais eletrônicos e informática e não há sombra de dúvida que esses jovens fazem uso da comunicação entre seus pares. Essa comunicação possui uma linguagem própria, diferente da usada nos livros de história, didático, etc., o que não deixa de ser uma forma de escrita e de comunicação e reafirmo; são da geração que nasceram junto com estas tecnologias. O uso da informática levou a disseminação da leitura a outro nível, possibilitou o surgimento do hipertexto, onde o aluno não precisa ficar restrito somente sob um ponto de vista, nele pode-se navegar para diferentes áreas, todas correlacionadas ao assunto,

concretizando assim a transdisciplinaridade. Podem também fazer o uso dos smartphones para se comunicar com os amigos, colegas, familiares e, para cada tipo de rede social, há uma forma específica de comunicação. Este aluno não será capaz de escrever e enviar um e-mail? Acredito que todos os alunos, conseguem sim, fazer uso dessa ferramenta, haja vista que as redes sociais de comunicação instantânea são muito semelhantes no processo de enviar mensagens, etc. Diante do que foi exposto, Soares (2014) nos que: “não podem a escola nem os professores optar por desenvolver habilidades de leitura de apenas um determinado tipo ou gênero de texto”. (SOARES, 2014, p. 31)

Neste seguimento é incorreto afirmar que as crianças e os jovens não saibam ler e escrever conforme se exige, pois se eles estão sendo ensinados sob uma determinada ótica e não são contemplados com toda a diversidade da interpretação e leitura. Será que realmente estamos dando oportunidade a esses alunos de desenvolverem o gosto pela leitura e, a partir desse ponto mostrar-lhes que além de sua leitura preferida existem tantos outros tipos e que são tão importantes quanto à de seu gosto, porque se for desse modo, estaremos fazendo as escolhas por eles. Além da leitura e interpretação textual, existe a leitura e interpretação corporal, de hábitos, de costumes, de imagens, de símbolos, de gestos dos mais variados possíveis. Todas essas leituras e interpretações tornam-se mais objetivas quando há o domínio da leitura e da escrita. Para a geração que nasceu junto com o surgimento das mídias digitais, o escritor Marc Prensky em seu famoso artigo “Digital Natives, Digital Immigrants”, definiu-os como Nativos Digitais e os que nasceram antes como Imigrantes digitais Uma geração acostumada com a interação midiática, no seu cotidiano, não podem sofrer as mazelas de um sistema educacional mal formulado diante de toda a demanda de leitura e interpretação que a sociedade exige. Diante disso, Soares (2014) nos diz que:

[...] a escola deve formar o leitor da ampla variedade de textos que circulam nas sociedades grafocêntricas em que vivemos, e são diferentes processos de leitura e, portanto, diferentes modos de ensinar; é preciso desenvolver habilidades e atitudes de leitura de poemas, de prosa literária, de textos informativos, de textos jornalísticos, de manuais de instrução, de textos publicitários etc. etc. (SOARES, 2014, p. 31)

A escola sendo um dos vários mecanismos que possibilitam o acesso à leitura, tem um papel imprescindível na formação de leitores, que de acordo com as diretrizes educacionais estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) e, em cumprimento à meta 7 do Plano de Metas da Educação, o Ministério da Educação (MEC) está elaborando a Base Nacional Comum (BNC), que está em consulta pública para construção dos componentes curriculares de acordo com cada ano escolar, divididos em quatro áreas: Linguagens; Matemática; Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Desta forma o Estado Brasileiro, pretende assegurar a todos os alunos de todas as regiões do país, a garantia de acesso à aprendizagem a nível nacional, de conhecimentos com equidade, independentemente do nível de desenvolvimento de cada região e de suas peculiaridades tornando-o coeso, sendo necessários ao convívio e à interação social, fundamentais para o exercício da cidadania. O que nas palavras de Dionísio (2014), não podemos permitir:

[...] conceber a leitura apenas como um processo de consumir e armazenar informações é somente uma maneira de continuar a reproduzir as situações de vantagem e desvantagem nas instituídas relações de poder em nada contribuindo, como muitas vezes se faz crer, para a verdadeira formação de cidadãos. (DIONÍSIO, 2014, p. 74-75)

Como podemos ver tanto Soares (2014) quanto Dionísio (2014) afirmam que não basta simplesmente que a escola e os professores devam optar por desenvolver habilidades de leitura de apenas um determinado tipo ou gênero de texto, mas sim formar um leitor para uma ampla variedade de textos que circulam nas sociedades e que estes textos não sejam apenas um

processo de consumo e de armazenamento, porque esse processo em nada contribui para a formação e exercício da cidadania.

CONCLUSÃO

Dizem que os jovens andam muito ocupados nas redes sociais, (Facebook, Twitter, Instagram, Google +, you tube, WhatsApp, etc.), o que os levam a interessar mais pelos bate-papos, pela internet, pelos games e vídeos disponíveis, do que pelos inúmeros materiais úteis e de grande valor que a internet possibilita. Quanto a essa indagação, concordo em parte; pois os jovens fazem uso desses recursos, então deveriam estar presentes nas escolas para serem usados como recurso midiático pedagógico auxiliado pelo professor. Essa possibilidade será possível, quando as escolas reverem o processo de ensino-aprendizagem, que os docentes sejam orientados por meio de cursos de formação continuada a como introduzir esses recursos tecnológicos dentro da sala de aula

O Governo Federal tem possibilitado o acesso a essas tecnologias por meio da criação do **Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007**, o ProInfo passou a ser chamado de Programa Nacional de Tecnologia Educacional, dotando gradativamente todas as escolas com laboratórios de informática com acesso à internet banda larga onde, há a disponibilidade, tendo como principal objetivo promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação (tic) nas redes públicas de educação básica. Para que se reverta esse panorama, é necessário reconfigurar o modelo de leitura ou de Literatura atual inserido na escola de modo que ela venha fragmentada e não seja percebida pelos alunos como uma leitura obrigatória para ser aprovado na disciplina e avançar para o próximo nível de ensino, e que ela não transmita a sensação de insegurança, de medo, mas que esses estudantes passem a vê-la como uma ferramenta a seu dispor para poder desempenhar suas funções sociais.

REFERÊNCIAS

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. *Textos Introdutórios*. Disponível em: <http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conheca> .Acessado em 21/11/2015.

BRASIL. *Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007*. Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6300.htm. Acessado em 25/11/2015

CAMPOS, Maria Helena. *Para Ler as Letras*. In PAULINO, Graça; WALTY, Ivete (Org.). Teoria da literatura na escola. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. *Ler, verbo intransitivo*. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

PEREIRA, Bruna. *Nativos Digitais: eles andam aí*, 06/12/2013. Disponível em: <http://www.mai-educativa.com/2013/12/06/nativos-digitais-eles-andam-ai/> Acessado em: 20/11/2015

SOARES, Magda. *Ler, verbo intransitivo*. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

WALTY, Ivete. *Literatura de ficção ou ficção da literatura?* PAULINO, Graça; WALTY, Ivete (Org.). Teoria da literatura na escola. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.